



# A ETNOGRAFIA PERFORMATIVA COMO METODOLOGIA DE PESQUISA EM ARTES CÊNICAS

*PERFORMANCE ETHNOGRAPHY AS A RESEARCH  
METHODOLOGY IN PERFORMING ARTS*

*LA ETNOGRAFÍA PERFORMATIVA COMO METODOLOGÍA  
DE INVESTIGACIÓN EN ARTES ESCÉNICAS*

**Luciana Hartmann**  
**Ana Carolina de Sousa Castro**

**Luciana Hartmann**

Professora titular do Departamento de Artes Cênicas da Universidade de Brasília (UnB). Antropóloga, atua na interface entre a antropologia da performance e a pedagogia das artes cênicas. Coordena a Rede Internacional de Pesquisa Infâncias Protagonistas: migração, arte e educação. Pesquisadora PQ-Cnpq – nível 2.

E-mail: [lucianahartmann@unb.br](mailto:lucianahartmann@unb.br)

**Ana Carolina de Sousa Castro**

Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Artes Cênicas, da Universidade de Brasília (PPGCEN-UnB), com pesquisa sobre o Teatro do Oprimido no ensino do teatro para crianças e jovens migrantes. Professora da Secretaria de Educação do Distrito Federal.

E-mail: [castro.carolina@aluno.unb.br](mailto:castro.carolina@aluno.unb.br)

## Resumo

Este artigo apresenta um delineamento histórico e conceitual da Etnografia Performativa como abordagem metodológica que propõe, no cruzamento da etnografia com a performance, formas de engajamento ético e estético específicos para a realização de pesquisa em artes cênicas. Partindo de um estado da arte das pesquisas sobre o tema, no Brasil e no exterior, o artigo perpassa abordagens como o “surrealismo etnográfico” e o “etnoteatro” para fundamentar essa proposta, que prevê uma radicalização da clássica observação participante, por meio da partilha de práticas artístico-pedagógicas (performativas) que são, concomitantemente, processo e produto, criação e reflexão.

**Palavras-chave:** Etnografia Performativa; Pesquisa em Artes; Metodologias.

## Abstract

This article presents a historical and conceptual delineation of Performance Ethnography as a methodological approach that proposes, at the intersection of ethnography with performance, specific forms of ethical and aesthetic engagement for conducting research in performing arts. Drawing from a state of the art of research on the subject, in Brazil and abroad, the article explores approaches such as “ethnographic surrealism” and “ethnotheater” to support this proposal, which calls for a radicalization of the classical participant observation, through the sharing of artistic-pedagogical practices (performatives) that are simultaneously process and product, creation and reflection.

**Keywords:** Performance Ethnography; Arts-based Research; Methodologies.

## Resumen

Este artículo presenta un delineamiento histórico y conceptual de la Etnografía Performativa como enfoque metodológico que propone, en la intersección de la etnografía con la performance, formas de compromiso ético y estético específicos para la realización de investigaciones en artes escénicas. Partiendo de un estado del arte de las investigaciones sobre el tema, en Brasil y en el extranjero, el artículo aborda enfoques como el “surrealismo etnográfico” y el “etnoteatro” para fundamentar esta propuesta, que prevé una radicalización de la clásica observación participante, mediante el intercambio de prácticas artístico-pedagógicas (performativas) que son, simultáneamente, proceso y producto, creación y reflexión.

**Palabras-clave:** Etnografía Performativa; Investigación en Artes; Metodologías.

## As artes cênicas e a etnografia

Pesquisas baseadas na prática artística, ou “Prática como pesquisa” (*Practice as Research – PaR*), estão presentes no cenário acadêmico brasileiro das artes cênicas pelo menos desde a década de 80 do século XX (Scialom, Fernandes, 2022), muitas vezes sendo enquadradas e/ou nomeadas junto a outras metodologias qualitativas. Para Haseman (2015), no entanto, a “pesquisa performativa” está além da pesquisa qualitativa, pois não apenas utiliza a prática, mas é guiada por ela. De alguma forma, todas as abordagens que reconhecem que a prática artística é produtora de conhecimento *per se* preveem formas de observação e sistematização que se nutrem, dialogam ou, no mínimo, tangenciam a etnografia e, mais especificamente, a autoetnografia. Método clássico de produção de dados oriundo da antropologia, a etnografia se pauta na pesquisa de campo, com observação densa e registro detalhado das práticas culturais de um determinado grupo social em um diário de campo. Já na autoetnografia, o/a pesquisador/a parte da observação de experiências pessoais para conectá-las com aspectos culturais mais amplos: “A autoetnografia (próxima da autobiografia, dos relatórios sobre si, das histórias de vida, dos relatos anedóticos) se caracteriza por uma escrita do “eu” que permite o ir e vir entre a experiência pessoal e as dimensões culturais a fim de colocar em ressonância a parte interior e mais sensível de si” (Fortin, 2010, p. 83).

Compreendendo os encontros profícuos gerados no cruzamento da etnografia com as linguagens artísticas, há alguns anos passamos a realizar nossas pesquisas sob uma perspectiva “etnográfico propositiva” (Hartmann, 2021) que previa, para além da observação participante, proposições diretas e o agenciamento coletivos das decisões de pesquisa com todos os interlocutores. Essa abordagem deu origem ao que atualmente temos chamado de “etnografia performativa”.

No intuito de compreender as especificidades dessa proposta, este artigo apresenta um delineamento de como o conceito de etnografia performativa vem sendo utilizado historicamente em outras pesquisas da área. Para tanto, realizamos um estado da arte (Vargas; Higuaita; Muñoz, 2015) em dois repositórios: Portal de Periódicos CAPES e Google Scholar. Os descritores utilizados foram: “etnografia” e “artes cênicas”, “etnografia” e “teatro”, “etnografia

performativa” e “etnografia performativa.” Nessa busca foram encontradas algumas metodologias utilizadas no campo das artes cênicas e do teatro que se relacionam com a prática etnográfica, as quais abordaremos a seguir: **surrealismo etnográfico, etnoteatro e etnografia performativa (*etnografía performativa/performance ethnography*)**.

## Surrealismo etnográfico

O descritor “surrealismo etnográfico”, juntamente com “artes cênicas”, foi utilizado no Google Scholar, resultando em 37 artigos e 10 publicações encontradas no Portal de Periódicos CAPES. Destas, destacam-se os trabalhos de Vargas (2021) e Vargas e Bussoletti (2015), nos quais os autores propõem o surrealismo etnográfico como uma “proposta outra” de se fazer pesquisa, que tem em suas bases teóricas os princípios do movimento surrealista e a conceituação benjaminiana de “constelação”<sup>1</sup>, “aura” e “verdade”, na qual são valorizados os fragmentos, as justaposições, as subjetividades e os inconscientes (Vargas, 2021).

A proposta é comentada também no livro “A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX”, do antropólogo James Clifford (2002, p. 169): “A etnografia mesclada de surrealismo emerge como a teoria e a prática da justaposição”. Nessa obra, Clifford faz uma contextualização histórica em que mostra a proximidade entre o surrealismo e a etnografia (artistas e antropólogos) nas décadas de 1920 e 1930. De acordo com o autor, o surrealismo é uma forma estética “expandida” que valoriza justaposições inesperadas e o surrealismo etnográfico seria uma possibilidade para análises culturais que questionem as normas e convenções ocidentais. Vargas (2018), inspirado no trabalho de Clifford, propõe uma adaptação dessa metodologia no âmbito das artes cênicas, em pesquisas que não se identifiquem com as normatizações acadêmicas existentes. O autor defende que:

[...] esta metodologia também nos possibilita a investigação de aspectos presentes nos silêncios, nos não-ditos, no inconsciente e, ainda,

---

1. A ideia de “Constelação” (Benjamin, 1984) faz uma relação entre as estrelas e seu conjunto (constelação), que ao agrupar fragmentos aparentemente desconectados (como as estrelas), podemos atribuir diferentes significados (como as constelações).

nas possibilidades de diálogos reflexivos entre diferentes tipos de linguagens literais e estéticas que nos permitam expandir as reflexões e/ou questionamentos a patamares até então não contemplados por outras perspectivas investigativas. (Vargas, 2018, p. 52)

Embora originado na antropologia, o surrealismo etnográfico vem sendo utilizado nos campos das artes e da educação, como é o caso do trabalho de Denise Bussoletti (2007), das dissertações de mestrado de Costa (2014) e Martino (2015), e mais recentemente na tese de doutorado de Vargas (2018). Este último, ao analisar um experimento cênico, propõe que essa abordagem

[...] se abra a quaisquer áreas do conhecimento em que pesquisa, campo de pesquisa e pesquisador estejam mútua e ativamente fazendo parte deste processo, sendo o próprio processo, vivenciando-o, sem objetivos de afastar-se para descrevê-lo de maneira distanciada. Mas, estando inserido nele, experienciando-se para experienciá-lo, para vivenciá-lo, compreendê-lo, compreender-se nesse processo e, assim, desenvolver a pesquisa sob um ponto de vista outro, liberto das amarras tradicionalmente estabelecidas pelo meio acadêmico e, inclusive, abrindo possibilidade para o corpo vir a se tornar o campo de estudo a partir de uma ótica diferenciada das que são efetuadas em outras metodologias investigativas. (Vargas, 2018, p. 59)

O pesquisador ainda destaca que, atualmente, muitas pesquisas nas artes cênicas/performativas partem de metodologias que valorizam a prática e a experiência, como a cartografia e a etnocenologia<sup>2</sup>. O surrealismo etnográfico se distinguiria da primeira porque abandona “quaisquer tipos de mapeamentos, ordenações lineares, valorizando o fragmento estésico a ponto de hibridizar a escrita de pesquisa” (Vargas, 2021, p. 19) e da segunda porque não considera a questão étnico-cultural central na investigação. Voltaremos a essas relações e diferenciações adiante.

### Etnoteatro

O descritor “etnoteatro” aparece em quatro publicações do Repositório CAPES. Dessas, se destaca o artigo “Etnoteatro como performance da

---

2. Em função dos limites deste artigo, não nos aprofundaremos nessas.

etnografia: estudo de caso num grupo de teatro universitário português” (2013), do pesquisador português Ricardo Seiya Salgado.

O termo “etnoteatro” é definido por Salgado como a “performance da etnografia” (2013, p. 32). Para ele, o etnoteatro se trata de um “subgênero do teatro documental”, por representar dramas sociais e políticos. O autor aponta Erwin Piscator como precursor do teatro documental, por formalizar o uso de fontes da realidade cultural para construir formas de “etnodramas”<sup>3</sup>. Para Salgado, as principais características do etnoteatro seriam:

1) utiliza métodos etnográficos como a observação participante, a realização de entrevistas, a pesquisa e interpretação de documentos históricos que legitimam o argumento; 2) faz uso de conceitos teóricos dos estudos de performance como o ritual, o drama social, o drama estético, a performatividade, a participação dialógica, a escrita performativa; 3) utiliza metodologias teatrais que advêm das diferentes formas de escrita dramática, das várias escolas de construção da personagem, mas também dos diversos estilos de encenação. (Salgado, 2013, p. 33)

Já o pesquisador estadunidense Johnny Saldaña considera que o etnoteatro tem como objetivo “investigar um aspecto específico da condição humana com a finalidade de adaptar essas observações e *insights* em uma performance” (2011, p. 12, tradução nossa). O autor aponta que em sua pesquisa encontrou aproximadamente 80 termos diferentes para se referir ao etnoteatro, entre esses: *docudrama*, *documentar theatre* (teatro documentário), *metatheater* (metateatro), *performance anthropology* (performance antropológica), *performance ethnography* (etnografia performativa), *performed ethnography* (etnografia performada).

Como vemos, há uma aproximação do etnoteatro com a etnografia performativa. Nessa linha, o também estadunidense Bryant Keith Alexander define “*etnografía* performativa” como “a representação dramatizada de anotações derivadas da etnografia” (2013, p. 94, tradução nossa). Precursores nessa proposta, os antropólogos Edith Turner e Victor Turner consideravam que performatizar pesquisas etnográficas poderia

---

3. O autor segue Saldaña (2011) na diferenciação de etnoteatro para etnodrama, sendo etnoteatro a performance mais ampla, relacionada ao conceito teatral da etnografia e etnodrama em que se refere à forma dramática de representação da etnografia.

auxiliar na compreensão dos estudantes sobre como pessoas em outras culturas vivenciam a riqueza de sua existência social, quais são as pressões morais sobre elas, que tipos de prazeres esperam receber como recompensa por seguir determinados padrões de ação, e como expressam alegria, tristeza, respeito e afeto, de acordo com as expectativas culturais. (Turner & Turner, 1988, p. 140, tradução nossa)

O artigo de Alexander, *“Etnografía Performativa: La representación y la incitación de la cultura”* (2013, p. 94), tem como referência a versão inglesa publicada no *“The Sage Handbook of Qualitative Research – 3º edition”* (2005, p. 411) com o título *“Performance Ethnography: the reenacting and inciting of Culture”*. A *Performance Ethnography/Etnografía performativa* é compreendida pelo pesquisador como:

uma série de práticas materiais interpretativas que fazem que a cultura seja visível; assim, evidenciam não apenas as condições culturais de viver, mas também as preocupações comuns do humanismo que podem se distribuir de formas iguais. Estas práticas funcionam para iluminar o mundo, assim como para transformar o mundo. (Alexander, 2013, p. 105 – tradução nossa)

O autor dá o exemplo de uma turma de estudantes que acompanhou vendedores imigrantes, fazendo um processo etnográfico de entrevistas e práticas com os participantes. Posteriormente, apresentaram as impressões em uma performance em que cada um vendia um produto ao público em um círculo coreografado ao redor da sala. Tal exemplo é parecido com o experimento cênico feito por Salgado (2013), o qual ele e Saldaña (2011) denominam de etnoteatro. Como dito anteriormente, são termos que geralmente aparecem de formas análogas ou conectadas. Entretanto, poderíamos assumir que exista alguma diferença entre *“ethnotheatre”* e *“performance ethnography”*?

O termo “etnografia performativa” também foi encontrado no livro *“O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens”* (2006), dos pesquisadores Norman K. Denzin e Yvonna S. Lincoln, que também organizaram o *“The Sage Handbook of Qualitative Research”* (2005). Podemos inferir, portanto, que *“Etnografía Performativa”* e *“Etnografía Perfomativa”*, neste contexto, relacionam-se com a ideia de *“Performance Ethnography”*.

A partir da análise dos autores supracitados, compreendemos que, embora haja algumas similaridades, há também especificidades nas diferentes propostas. O etnoteatro/*ethnotheatre* envolve tanto a realização de um experimento teatral a partir de dados etnográficos, em conexão com o teatro documentário (Salgado, 2013), podendo se configurar, assim, como gênero teatral, como também pode ser um objeto de investigação ou uma metodologia. Já a “*performance ethnography*” pode incluir outras questões, como veremos a seguir.

## Etnografia Performativa

O descritor “Etnografia Performativa” aparece no repositório Capes Periódicos em 12 publicações, e em 24 publicações no Google Scholar. O descritor aparece com mais frequência em espanhol (*etnografía performativa*) e inglês (*performance ethnography*). Para compreender melhor a metodologia, foram analisados alguns Manuais de Pesquisa Qualitativa da SAGE publicações (2003, 2006, 2011, 2013, 2018) publicados em português, espanhol e inglês.

A etnografia performativa traz a ideia do arcabouço metodológico da etnografia juntamente com os estudos da performance<sup>4</sup>, considerando que o conhecimento e a cultura também estão nas histórias e práticas corporais. A partir da obra de Dwight Conquergood (1985), um dos precursores dos *Performance Studies*, Alexander (2013) entende a etnografia performativa como uma epistemologia encarnada, como ato moral<sup>5</sup>, e a atuação (o estar em performance) como um método de pesquisa, conhecimento e publicação.

Denzin e Lincoln, na edição brasileira de seu livro sobre metodologia qualitativa, do ano de 2006<sup>6</sup>, trazem questionamentos acerca do futuro da pesquisa qualitativa. Entre suas apostas, está “a virada da performance”

---

4. Para um maior aprofundamento sobre a relação dos estudos da performance com a antropologia, ver Carlson (2010), Dawsey et al (2013), Ligiéro (2012), Raposo et al. (2013), entre outros.

5. Conquergood (2013) entende a etnografia como “ato moral”, ou seja, uma forma de dialogar com culturas e sensibilidades que reconheça suas diferenças e não caia em estereótipos e apropriações.

6. O livro é a edição traduzida da obra “The landscape of Qualitative Research: Theories and issues, 2ed”, de 2003, da editora SAGE.

(*performance turn* - 2006, p. 390) na pesquisa qualitativa, percebendo a necessidade de transformação dos espaços. Os autores apontam que imaginam uma investigação “existencial, vulnerável, performativa e crítica, eliminando as distinções tradicionais entre epistemologia, ética e estética” (2006, p. 391). Entendem que a etnografia não é neutra, é sempre política e que o lugar do pesquisador é um lugar de poder. No Brasil, a “virada performativa” já estava ocorrendo desde os anos 1990, fomentada pela realização de encontros interdisciplinares entre as áreas das artes e das ciências sociais e pela publicação de teses e dissertações na área (Hartmann, Langdon, 2020). De todo modo, importa perceber não apenas o crescimento dos estudos da performance, mas seus desdobramentos nas últimas décadas.

Denzin (2003) e Alexander (2013) apoiam-se nas teorias críticas, embasados em autores como Henry Giroux e Elyse Pineau, entendendo os aspectos pedagógicos da etnografia em diálogo com a pedagogia performativa. Também apontam para o caráter transformador e político da etnografia, dialogando com as obras de Paulo Freire e Augusto Boal, mencionando as práticas do teatro do oprimido como exemplos de transformação a partir da estética, com a promoção da expressão dos oprimidos por eles mesmos.

A pesquisadora Judith Hamera, na quinta edição do livro “*The SAGE Handbook of Qualitative Research*” (2018), entende que a *performance ethnography* é um conceito “elástico”, de caráter inter e multidisciplinar, com raízes nas áreas da antropologia, comunicação, teatro, entre outras:

Em alguns casos, a etnografia da performance toma a performance *per se* como objeto de estudo. Em outros, usa a ideia de performance para desvendar fenômenos normalmente não pensados nestes termos. Alguns etnógrafos performers encenam sua pesquisa como uma forma de interpretação e/ou publicação [...]. Alguns usam técnicas de escrita performativa para reproduzir as dinâmicas das pesquisas no texto. (Hamera, 2018, p. 596, tradução nossa)

Independentemente da forma de abordagem da performance como pesquisa, a autora aponta que nós, pesquisadoras/es, devemos nos situar histórica, política e esteticamente, e que é preciso abordar tanto questões dos pesquisadores quanto dos participantes da pesquisa, que são também cocriadores. Para Hamera, a etnografia performativa se assemelha à

observação participante pela expressividade; entretanto, a diferença é que a performance lembra à etnografia a importância do corpo e da forma, e que esse corpo tem etnia, cor, gênero e posicionamento político, além de ser inseparável da estética, que pode ser pensada como um “conjunto de estratégias expressivas e interpretativas para serem questionadas, utilizadas ou resistidas”. (2018, p. 746, tradução nossa)

Percebe-se, a partir da análise da presença do termo “etnografia performativa” nos manuais de pesquisa qualitativa SAGE (2003/2006, 2005/2013, 2011, 2018), que, desde o início dos anos 2000, já havia um entendimento da potência da performance nas pesquisas qualitativas, tanto no sentido de aprofundar a interação, o envolvimento e a partilha com os interlocutores da pesquisa, quanto no sentido de dialogar com o público não acadêmico e provocar transformações sociais. Na edição brasileira de 2006 (traduzida do original publicado em 2003), entretanto, não havia um capítulo específico para “etnografia performativa/performance ethnography” e o termo foi utilizado timidamente.

Na edição em espanhol do manual, publicada em 2013 (traduzida do original publicado em 2005), percebemos a relevância dos estudos da performance na etnografia com a especificação de um capítulo para a metodologia. O capítulo escrito por Alexander (2013) dá um grande enfoque na etnografia performativa como sendo uma performance da pesquisa etnográfica. Já na edição de 2011, o capítulo sobre etnografia performativa escrito por Judith Hamera (2018) amplia um pouco mais o conceito de etnografia performativa como metodologia, reforçando a coparticipação das pessoas participantes da pesquisa, trazendo para o debate questões mais contemporâneas. Na edição de 2018, o capítulo escrito por Hamera (2018) continua no manual e adiciona-se um novo capítulo sobre etnoteatro (que não existia nos manuais anteriores), escrito por Saldaña (2018).

A linha do tempo que devemos observar é: em 2003, na segunda edição do manual, mencionava-se a “virada performativa”, mas não havia um capítulo sistematizado sobre a etnografia performativa. No mesmo ano, entretanto, um dos organizadores do manual, Norman K. Denzin, publica também pela SAGE o livro “Performance ethnography”, o que já indicava um maior interesse sobre o tema. Em 2005, na terceira edição do manual, Bryant Keith Alexander

escreve um capítulo nomeado “Performance Ethnography” (traduzido para o espanhol em 2013 por “Etnografía performativa”), em que foca basicamente na performance das etnografias. Em 2011, na quarta edição do manual, Judith Hamera escreve “Performance Ethnography”; e, ao falar das suas pesquisas na área da dança, afirma que além de escrever e ouvir seus interlocutores, dança com eles, aproximando-se da ideia da performance partilhada com os interlocutores como a própria metodologia de investigação. Em 2018, na quinta edição do Manual, ainda consta o capítulo de Judith Hamera e é incluído o capítulo “Ethnodrama and Ethnotheatre: Research as Performance”, escrito por Johnny Saldaña<sup>7</sup>, no qual podemos perceber um processo de sistematização das diferentes propostas metodológicas.

Observa-se que essa breve linha do tempo foi feita a partir das publicações originais, já que só dispomos de uma edição brasileira e uma edição espanhola, ambas desatualizadas em relação ao período da escrita. Por exemplo, quando a segunda edição foi trazida para o Brasil, em 2006, no ano anterior (2005) já havia sido publicada a terceira edição na língua inglesa, que incluía um capítulo sobre a “Performance Ethnography”. É interessante considerar que esse manual trata a “Performance Ethnography” como uma forma de investigação qualitativa e que, em 2006, o australiano Brad Haseman publica “A manifesto for a performative research” na revista “Media International Australia, Incorporating Culture and Policy”, no qual defende que a pesquisa performativa seria uma espécie de terceira via, para além da divisão binária entre pesquisa qualitativa e quantitativa. O manifesto é publicado em português em 2015 (Haseman, 2015).

Hartmann e Langdon fazem um histórico da antropologia da performance no Brasil a partir do entendimento de que há uma “encruzilhada” (Martins, 1997) entre antropologia e performance<sup>8</sup>. As pesquisadoras percebem que há basicamente dois caminhos seguidos pelos estudiosos brasileiros:

---

7. Uma análise mais precisa desses dados necessitaria a comparação de todos os manuais, o que não foi possível devido a indisponibilidade do material.

8. As autoras adotam a perspectiva de Martins, que defende a potência semântica do conceito, considerando que a encruzilhada carrega “a possibilidade de interpretação do trânsito sistêmico e epistêmico que emergem dos processos inter e transculturais, nos quais se confrontam e dialogam, nem sempre amistosamente, registros, concepções e sistemas simbólicos diferenciados e diversos” (Martins, 1997, p. 28).

um mercado pela influência do antropólogo Victor Turner e do encenador teatral Richard Schechner, que ganha força a partir de 1995 com a realização do “I Seminário Nacional Performáticos, Performance e Sociedade”, marcado pelo diálogo entre fazer e estudar performance; e outro caminho ligado a uma abordagem etnolinguística, baseada sobretudo nas obras dos antropólogos Richard Bauman e Charles Briggs, que prevê uma abordagem performática da linguagem. Desde então houve um crescimento nos estudos entre performance e antropologia no país, incluindo o uso da etnografia:

A antropologia da performance tem explorado, inovado e avançado em relação aos métodos e às técnicas de pesquisa utilizados. Se, a princípio, o desenvolvimento teórico do campo parece não seguir o mesmo ritmo, talvez devamos fazer um exercício de abertura epistemológica que permitiria perceber que, aqui, o método também se transforma em teoria – ou mais ainda: ele é a teoria. Nesse sentido, podemos pensar que a própria etnografia, “enquanto forma de imersão e partilha, enquanto método de transformação e de vivência liminar, que permite quer a assimilação de novos pontos de vista, quer a experimentação de novos modelos e padrões estéticos” (Campos; Zoettl, 2012, p. 7), provocaria essa ênfase e expansão do campo em termos metodológicos. Na esteira dessa expansão, a etnografia passa a ser experimentada por artistas e a arte experimentada por antropólogos. (Hartmann; Langdon, 2020)

Nesta encruzilhada entre a etnografia e as artes da cena, portanto, podemos também incluir os trabalhos de Vargas (2021) com o surrealismo etnográfico, de Salgado (2013) com o etnoteatro, e de Hartmann, Sousa e Castro (2020), Vieira (2023), Sousa (2023) e Aviz e Hartmann (2024), com a etnografia performativa.

## **Desenvolvendo uma Etnografia Performativa a partir das artes cênicas**

Como vimos acima, a etnografia performativa é inter, multi e polidisciplinar (Hamera, 2018), agregando estudos da antropologia e performance que vêm crescendo e se desenvolvendo cada vez mais. No âmbito específico das artes cênicas no Brasil, o descritor “etnografia performativa” foi encontrado

em 24 publicações no Google Scholar. A maior parte dessas se alinha à perspectiva já citada de Conquergood, de uma etnografia da performance conjugada à uma performance da etnografia, partilhada com os interlocutores, na qual a experiência do corpo situado espaço-temporalmente é fundamental. Entre essas publicações, destacamos um artigo de Maria Falkembach (2019), professora da UFPel, que aborda a presença da dança no currículo da Educação Básica pela perspectiva da educação somática e da etnografia performativa, esta última embasada na obra da pesquisadora estadunidense Elise Pineau (2013) que, por sua vez, ao argumentar em favor de uma pedagogia performativa crítica, também se inspira em Conquergood.

Outras produções encontradas dizem respeito a trabalhos que vêm sendo desenvolvidos no âmbito do Grupo de Pesquisa Imagens e(m) Cena (UnB), do qual fazemos parte<sup>9</sup>. A etnografia performativa, nesse caso, é um aprimoramento da ideia de “etnografia-propositiva”, que foi defendida em alguns trabalhos anteriores de Hartmann (2017, 2018), nos quais a etnografia não se restringia à observação e participação, mas envolvia a partilha de atividades artísticas e dos processos reflexivos com os sujeitos da pesquisa.

Entre as pesquisas do Imagens e(m) Cena que defendem a etnografia performativa estão a tese de doutorado “Corpos e gritos de desencurrallamento: Performances como expressão das territorialidades geraizeirinhas” de Jonielson Ribeiro de Souza (2023), que entende que essa metodologia tem como base o etnoteatro, de Salgado (2013), a pesquisa performativa, de Haseman (2015), e a etnografia propositiva, de Hartmann (2021). Em sua pesquisa, Souza (2023) compartilhou oficinas teatrais, caminhadas, marchas reivindicatórias e vivências cotidianas com crianças e adolescentes de comunidades geraizeiras. Segundo o autor, esses processos guiados pela perspectiva etnográfica performativa “tanto revelaram dados etnográficos, como estimularam o surgimento de processos ressignificadores de seus territórios” (2023, p. 197).

Outra pesquisa vinculada ao grupo Imagens e(m) Cena é a tese de doutorado de Débora Vieira, “Mundos de vida em performances narrativas de

---

9. Descrições detalhadas de pesquisas realizadas por membros do grupo utilizando a etnografia performativa podem ser encontradas no site: <https://www.infanciasprotagonistasunb.com.br/>

crianças pequenas de escolas da infância do Distrito Federal”, que propõe o uso da etnografia performativa em diálogo com a pesquisa performativa, de Haseman (2015), e com a prática como pesquisa, de Ciane Fernandes (2014), para análise de práticas artístico pedagógicas com crianças pequenas. Na tese, Vieira (2023, p. 40) afirma que a etnografia performativa “preconiza a ampliação das ações de observação e participação da etnografia tradicional, engendrando a dimensão artística (performativa) na produção dos sujeitos colaboradores da pesquisa”.

Como se pode depreender, a construção da etnografia performativa desses pesquisadores passa pelo entendimento central de ações partilhadas e de cocriação ao longo de toda a pesquisa, não necessariamente levando os dados etnográficos para cena, mas como método de produção de dados, ou ainda, de conhecimento do outro e de análise/criação da realidade.

Embora a etnografia performativa possa ter diferentes acepções, observamos que alguns princípios perpassam as teorizações de Alexander (2013), Hamera (2018) e Hartmann, Souza e Castro (2020). Um desses é a observação do local de poder. De acordo com Denzin e Lincoln, nós, como pesquisadores, ainda que estivermos pesquisando a partir do nosso local social, sempre estaremos numa relação de poder em relação a pessoas que estão participando da pesquisa. Somos nós que escrevemos, nós que selecionamos o que será analisado, nós que partimos do lugar acadêmico. (Denzin; Lincoln, 2006)

Com a etnografia performativa não será diferente. Entretanto, buscamos balizar essa relação a partir de uma atitude metodológica que prevê a radicalização da participação das pessoas que colaboram com a pesquisa, incluídos os processos decisórios e de autoria, como demonstra Vieira em seu trabalho com crianças pequenas:

A participação das crianças pequenas esteve presente em diferentes etapas do processo investigativo, como: a) na elaboração da metodologia participativa utilizada nas oficinas; b) nas propostas para a escolha de livros literários, jogos teatrais e elaboração de registros através de votação; c) na participação das narrativas colaborativas durante a mediação de leitura; d) na produção dos registros fotográficos da pesquisa empírica;

e) na produção do livro *Crianças Narradoras* com suas narrativas orais e registros pictóricos; e f) na escolha de serem nomeadas com seus próprios nomes na pesquisa. (Vieira, 2023, p. 152)

Em uma oficina teatral não basta chegarmos com propostas e “conhecimentos”, é preciso ter uma postura dialógica, aprender a partir da escuta, como propunha Paulo Freire (2003, 2009). Além de considerar as relações de poder inerentes ao binômio “pesquisador-pesquisado”, é essencial que se faça uma análise interseccional (Collins; Bilge, 2020) contextualizando as relações étnico-raciais, de gênero, classe, entre outras opressões estruturais, inclusive para que não se reproduza o colonialismo interno, algo que está no histórico da antropologia brasileira (Cesarino, 2017) e de todas as outras áreas do conhecimento. Outro ponto em comum é o entendimento de práxis, de que a metodologia não deve se encerrar na pesquisa. A etnografia performativa surge, então, com a visualização da potencialidade artística de intervir no mundo (Alexander, 2013).

### Considerações Finais

Ao longo deste artigo propomos elucidar o que seria a etnografia performativa a partir de sua relação com metodologias irmãs, como o surrealismo etnográfico, o etnoteatro e a prática como pesquisa. Essas se tangenciam em vários aspectos, tais como: a pesquisa guiada pela prática artística, a valorização do fazer artístico e dos saberes que compreendem as artes cênicas, o questionamento das normatizações metodológicas e convenções culturais. Para facilitar ao leitor a visualização ampla dessas metodologias que estão sendo utilizadas nas artes cênicas, foi feita uma tabela comparativa, que não pretende estabelecer limites absolutos, pois isso seria contraditório com as próprias metodologias, mas compreender melhor as linhas borradas entre elas:

**Tabela 1** - metodologias (autoria própria)

Metodologia	Pesquisadores	Bases teóricas	Características Gerais	Artes cênicas
<b>Surrealismo Etnográfico</b>	Clifford (2002) Vargas (2021) Bussoletti (2015)	Movimento surrealista (Breton) Conceitos de W.Benjamin (Constelação, aura, verdade)	Valoriza os fragmentos, justaposições, inconscientes, subjetividades.	Vargas atribui diferença a Etnocologia por não ter que necessariamente haver o foco nas questões étnicas. E diferentemente da cartografia abandona mapeamentos.
<b>Etnoteatro</b>	Salgado (2013) Saldaña (2011)	Teatro documental (Piscator) Antropologia da Performance (Victor e Edith Turner)	Adapta as observações etnográficas em performances dramatizadas	Pode ser compreendida como um gênero teatral dentro do teatro documental, pode ser método e objeto etnográfico
<b>Etnografia performativa</b>	Hartmann (2021) Vieira(2023) Souza (2023) Alexander (2013) Denzin e Lincoln (2006)	Estudos da performance, antropologia, teorias críticas, pesquisa performativa, Pedagogia performativa	É um método de pesquisa, conhecimento, publicação. Pode utilizar a noção de performance para análise etnográfica e/ou utilizar a performance para publicação da pesquisa que houve etnografia e/ou compreender a etnografia na realização de performances	Caracteriza-se pela valorização do corpo e estética como meio de conhecimento.Propõe participação ativa dos sujeitos co-criadores de conhecimentoBusca intervir no mundo política e esteticamente

Das metodologias pesquisadas compreendemos, em relação ao surrealismo etnográfico, que Vargas (2021) discorda de Clifford (2002) e afasta a metodologia da prática etnográfica, diferenciando-a da etnocologia, pois necessitaria abordar elementos “étnicos.” Entretanto, ainda que não se esteja desenvolvendo um trabalho voltado para os marcadores étnico-raciais, toda e qualquer análise terá atravessamentos nesse sentido, sobretudo em se tratando do campo das artes da cena, no qual as corporeidades são essenciais, como observa Martins (2021, p. 16):

Todas as manifestações culturais e artísticas exprimem, de algum modo, a visão de mundo que matiza as sociedades e, nestas, os sujeitos que ali se constituem. Nos conhecimentos culturais incorporados, saberes de várias ordens se manifestam, sejam eles de natureza filosófica, estética, técnica, entre outros; quer nos mais notáveis eventos socioculturais, quer nas mínimas e invisíveis ações do cotidiano. Em tudo que fazemos, expressamos o que somos, o que nos pulsiona, o que nos forma, o que nos torna agregados a um grupo, conjunto, comunidade, cultura e sociedade.

Esses “conhecimentos culturais incorporados” também são investigados – e performatizados (em cena ou fora dela) - nas perspectivas metodológicas do etnoteatro e da etnografia performativa.

Como pudemos perceber, as propostas metodológicas aqui analisadas estão em franco processo de desenvolvimento e têm em comum, além dos diversos aspectos já apontados, a busca por estratégias que permitam abordar de forma menos autoritária, mais coletiva e contra-hegemônica, os temas e problemas que se apresentam contemporaneamente no campo das artes cênicas (ou ainda, olhar para temas antigos sob novos prismas). Para finalizar, a partir do levantamento teórico feito, podemos elencar como princípios da etnografia performativa: a realização, observação e registro da pesquisa em processos de coparticipação/cocriação com os interlocutores; a produção de conhecimentos por meio de partilhas performativas que são, concomitantemente, processo e produto, criação e reflexão; a práxis; a inter e multidisciplinaridade; e a valorização da estética como ética e política. Assumindo a instabilidade de suas bordas, a etnografia performativa busca desierarquizar as relações de pesquisa, desafiando os colonialismos externos e internos que perpassam inegavelmente nossos processos de construção de conhecimento.

### Referências

- ALEXANDER, Bryant Keith. Etnografía performativa: La representación y la incitación de la cultura. *In*: DENZIN, K. Norman; LINCOLN, Yvonna S. (Coord.) **Manual SAGE de investigación cualitativa**. Barcelona: Editorial Gedisa S.A, v. III, 2013.
- AVIZ, Roselete Fagundes de; HARTMANN, Luciana. Pedagogia Quilombola: um estudo sobre a produção partilhada de narrativas entre crianças e idosos em um quilombo no Sul do Brasil. **Revista da FUNDARTE**, Montenegro, Ano 24, n. 60, p. 1-21, 2024.
- BENJAMIN, Walter. **Origem do drama barroco alemão**. São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CARLSON, Marvin. **Performance: uma introdução crítica**. Belo Horizonte: UFMG, 2010.
- CESARINO, Letícia. Colonialidade Interna, Cultura e Mestiçagem: repensando o conceito de colonialismo interno na antropologia contemporânea. **ILHA Revista de Antropologia**, Florianópolis, 19, n. 2, p. 73-105, 2017.
- CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2002.
- COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. São Paulo: Boitempo, 2020.
- CONQUERGOOD, Dwight. **Cultural Struggles: Performance, Ethnography, Praxis**. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 2013.

- DAWSEY, John; MULLER, Regina; HIKIJI, Rose; MONTEIRO, Mariana (orgs.). **Antropologia e performance – ensaios NAPEPDR**. São Paulo: Terceiro Nome, 2013.
- DENZIN, Norman K. **Performance Ethnography: critical pedagogy and the politics of culture**. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2003.
- DENZIN, Norman K. Lincoln, Yvonna S. **The Sage Handbook of Qualitative Research**. 3a ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2005.
- DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. **The Sage Handbook of Qualitative Research**. 4a. ed. Thousand Oaks: SAGE Publications, 2011.
- DENZIN, Norman. K; LICOLN, Yvona. **O planejamento da pesquisa qualitativa: teorias e abordagens**. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FALKEMBACH, Maria. Perspectiva da educação somática no currículo do Ensino Básico: dança e relações de poder no corpo. **Urdimento**, Florianópolis, v.1, n.34, p. 129-143, 2019.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 37ª. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2003.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 2009.
- HAMERA, Judith. Performance Ethnography. *In*: DENZIN, Norman K.; LINCOLN, Yvonna S. (editors) **The Sage Handbook of Qualitative Research**. 5a ed. Los Angeles, Lindin, New Delhi, Singapore, Washigton DC, Melbourne: SAGE Publications, 2018.
- HARTMANN, Luciana. Eles brincam de guerra mundial: protagonismo infantil em narrativas de crianças imigrantes. **Educação em Foco**, Juiz de Fora, v. 23, n. 3, p. 923-942, 2018.
- HARTMANN, Luciana. Onça, veado, Maria: literatura infantil e performance em uma pesquisa sobre diversidade cultural em sala de aula. **Educar em Revista**, Curitiba, v. 34, n. 67, p. 71-86, 2018.
- HARTMANN, Luciana. **Crianças contadoras de histórias**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2021.
- HARTMANN, Luciana ; LANGDON, Esther Jean. Tem um corpo nessa alma: encruzilhadas da antropologia da performance no Brasil. **BIB - Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais**, n. 91, p. 1-312020.
- HARTMANN, Luciana; SOUSA, Jonielson Ribeiro de; CASTRO, Ana Carolina de Sousa. Luta pela terra, performance e protagonismo infantil no I Encontro Nacional das Crianças Sem Terrinha (Brasília – 2018). **Tomo**, Aracajú, v. 37, p. 253–286, 2020.
- HASEMAN, Brad. Manifesto pela pesquisa performativa. **Resumos do Seminário de Pesquisas em Andamento PPGAC/USP**, São Paulo, 3, n. 1, 2015.
- LIGIERO, Zéca (org.). **Performance e Antropologia de Richard Schechner**. Rio de Janeiro: Mauad, 2012.
- MARTINS, Leda Maria. **Performance do Tempo Espiral**: poéticas do corpo-tela. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

- MARTINS, L. M. **Afrografias da Memória**. São Paulo: Perspectiva; Belo Horizonte: Mazza Edições, 1997. PINEAU, Elyse Lamm. Pedagogia crítico-performativa: encarnando a política da educação libertadora. In: PEREIRA, Marcelo de Andrade. **Performance e Educação: (des) territorializações pedagógicas**. Santa Maria: UFSM, 2013. p. 37-58.
- RAPOSO, P. *et al.* (orgs.). **A Terra do não-lugar: diálogos entre antropologia e performance**. Florianópolis: EDUFSC, 2013.
- SALDAÑA, Johnny. **Ethnotheatre: research from page to stage**. Walnut Creek: Left Coast Press, 2011.
- SALGADO, Ricardo Seça. Etnoteatro como performance da etnografia: estudo de caso num grupo de teatro universitário português. **Cadernos de Arte e Antropologia**, v.2, n. 1, p. 31-52, 2013,.
- SOUZA, Jonielson Ribeiro. **Corpos e Gritos de Desencurrallamento: Performances como expressão das territorialidades geraizeiras**. Tese (doutorado), Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2023.
- TURNER, Victor ; TURNER, Edie. Performing Ethnography. In: TURNER, Victor **The anthropology of performance**. New York: PAJ Publications, 1988.
- VARGAS, Maricelly Gómez; HIGUITA, Catalina Galeano; MUÑOZ, Dumar Andrey Jaramillo. El estado del arte: una metodología de investigación. **Revista Colombiana de Ciencias Sociales**, v. 6, n. 2, p. 423-442, 2015.
- VARGAS, Vagner de Souza; BUSSOLETTI, Denise Marcos. Surrealismo Etnográfico: Base epistemológica para a pesquisa em artes cênicas. **Boitatá**, v. 10, n. 20, p. 301-316, 2015.
- VARGAS, Vagner de Souza. **Dramaturgia da corporeidade: a pedagogia do evento teatral**. 2018. 231 f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação. Faculdade de Educação. Universidade Federal de Pelotas, 2018.
- VARGAS, Vagner de Souza. Surrealismo etnográfico, etnocenologia e cartografia em artes performativas: aproximações e distinções metodológicas. **Visualidades**, v. 19, p. 1-27, 2021
- VIEIRA, Débora Cristina Sales da Cruz. **Mundos de vida em performances narrativas de crianças pequenas de escolas da infância do Distrito Federal**. Tese (doutorado) Universidade de Brasília. Brasília, 2023.